

RETEXTUALIZAÇÃO DE CONTEÚDOS ACADÊMICOS PARA PODCASTS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Ágata Carlyne Silva¹⁹⁹
Eliana Merlin Deganutti de Barros²⁰⁰

INTRODUÇÃO

Esta apresentação recorta uma pesquisa de Iniciação Científica que analisa o roteiro de um episódio de podcast de divulgação científica (RotDC), produzido com base no modelo teórico de Braz e Cristovão (2023). A pesquisa integra o projeto interinstitucional LILA – Laboratório Integrado de Letramentos Acadêmico-Científicos –, que reúne pesquisadores de 11 instituições públicas do Paraná. Os podcasts do LILA são publicados no canal Colmeia Linguística (Spotify e YouTube).

A motivação da pesquisa é a necessidade de tornar o conhecimento acadêmico mais acessível ao público leigo, considerando que, muitas vezes, a linguagem técnica dificulta a compreensão. O podcast, nesse contexto, surge como uma estratégia de popularização. O objetivo é analisar o processo de retextualização da pesquisa original para o formato de podcast, destacando estratégias discursivas e linguísticas utilizadas.

A metodologia segue os princípios da pesquisa qualitativa (Flick, 2009), com base documental (Gil, 2014) e abordagem participante (Paiva, 2019). As fontes são: 1) a dissertação de Oliveira (2023); 2) o episódio “O internetês e seu impacto na escrita do aluno”. A fundamentação teórica inclui estudos sobre divulgação científica (Rojo, 2008), retextualização (Marcuschi, 2010), letramentos acadêmico-científicos (Cristovão; Vignoli, 2020) e gêneros textuais no Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 2003).

1 METODOLOGIA

Como metodologia, a pesquisa se pauta na abordagem qualitativa (Flick, 2009) e nos preceitos da Linguística Aplicada. É uma pesquisa do tipo participante (Paiva, 2019), uma vez que parte do corpus de análise é gerado pela própria pesquisadora, na etapa preliminar da pesquisa. Quanto aos seus objetivos, fundamenta-se na pesquisa documental (Gil, 2014).

O corpus da pesquisa divide-se em duas fontes: 1) coleta de dados – seleção da Dissertação de Mestrado de Oliveira (2023); 2) geração de dados pelo próprio pesquisador – elaboração do RotDC, com base no modelo teórico (Barros, 2012) elaborado por Braz e Cristovão (2023), gerado a partir de uma dissertação de mestrado na área de Linguística Aplicada intitulado “Influência da escrita digital em textos de alunos do ensino médio – o internetês em foco”, da pesquisadora Stela Fernandes Silva de Oliveira (2023). Em síntese, o RotDC foi produzido em duas

¹⁹⁹ Acadêmica do curso de Letras Português/Inglês 8º semestre. Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Bolsista da Fundação CNPq. agata.silva@discente.uenp.edu.br.

²⁰⁰ Doutora pela Universidade Universidade Estadual de Londrina (UEL). Orientadora. Prof.^(a) do Curso de Letras Português/Inglês Universidade Estadual do Norte do Paraná — UENP. elianamerlin@uenp.edu.br.

etapas, a primeira separando os trechos que usamos para retextualizar; a segunda fazendo a didatização propriamente. Dessa forma, o RotDC teve uma versão inicial e foi passando por diversas revisões até chegar a etapa final que utilizamos em nossa análise.

Para sistematizar a análise, apoiamo-nos nos estudos sobre retextualização, sobretudo, de Marcuschi (2010). Mais especificamente, orientamo-nos, metodologicamente, pelas quatro variáveis situacionais implicadas no processo de retextualização pelo autor e pelas operações textuais-discursivas propostas para a passagem de textos falados para textos escritos. Ou seja, no nosso caso, tais operações foram um guia, pois a retextualização analisada parte de um texto escrito formal para outro texto escrito, informal, produzido para ser oralizado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

No campo dos letramentos, o trabalho adota uma perspectiva plural, compreendendo o letramento não como habilidade isolada, mas como prática social situada. Com base em Kleiman (1995) e Rojo (2012), o estudo discute os conceitos de letramentos múltiplos, acadêmicos e científicos, enfatizando sua complementaridade. O modelo de letramentos acadêmicos, conforme proposto por Lea e Street (2014), é o mais valorizado, por contemplar aspectos ideológicos, sociais e discursivos que envolvem os sujeitos em práticas universitárias. A pesquisa também ressalta a importância do desenvolvimento de letramentos científicos na formação docente e na democratização do saber.

Quanto à divulgação científica, a pesquisa parte de Rojo (2008) e Charaudeau (2016) para distinguir entre DC e jornalismo científico (JC). A DC é vista como prática discursiva produzida por acadêmicos voltada a públicos não especializados, marcada por uma assimetria comunicativa – esfera de produção acadêmica e circulação no cotidiano. Seu objetivo é tornar acessíveis os conhecimentos científicos por meio de gêneros mais didáticos e menos técnicos.

Por fim, a noção de retextualização, fundamentada principalmente em Marcuschi (2010), é compreendida como um processo linguístico-discursivo que envolve transformações na forma e no conteúdo de um texto para adaptá-lo a novos gêneros e contextos de comunicação. A pesquisa adota ainda a perspectiva de Matencio (2002), entendendo a retextualização como a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que implica mudanças de propósitos comunicativos, papéis sociais e estratégias enunciativas. São destacadas variáveis situacionais e operações linguístico-discursivas necessárias à passagem de um texto escrito formal, como uma dissertação de mestrado, para outro de caráter informal e oralizado, como um roteiro de podcast de divulgação científica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Iniciamos nossa análise pelas quatro variáveis situacionais que agem coercitivamente no processo de retextualização, elencadas por Marcuschi (2010):

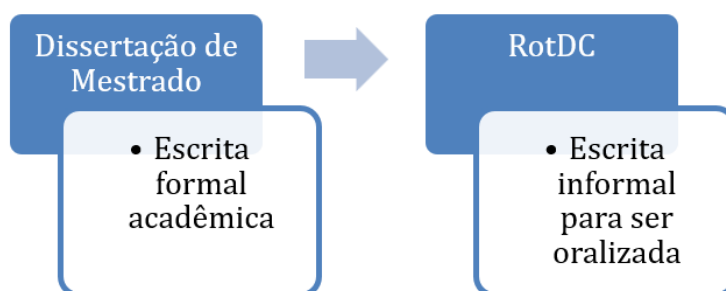
- ✓ variável 1 – propósito da retextualização: elaborar um RotDC para a mídia *podcast*, ou seja, um texto escrito pensado para ser oralizado, para o canal digital Colmeia Linguística gerenciado pela rede LILA; canal especializado na

popularização da ciência linguística, sobretudo, as oriundas de pesquisa na subárea da Linguística Aplicada;

- ✓ variável 2 – relação entre o produtor dos dois textos: outra pessoa que não o próprio autor do texto original é o agente-produtor do texto retextualizado; nesse processo de retextualização há menores mudanças no conteúdo, mesmo que haja mais intervenções na forma, por ter-se mais “respeito” pelo texto primário;
- ✓ variáveis 3 e 4 – relação entre o gênero textual original e o gênero da retextualização e entre as suas modalidades linguísticas: grande complexidade nas operações de retextualização implicadas na produção de um RotDC derivado de uma dissertação – texto que formaliza institucionalmente a conclusão de uma importantíssima etapa da pós-graduação *stricto sensu*: o mestrado.

A figura a seguir ilustra, de forma sintética, o processo de retextualização analisado.

Figura 2 – Processo de retextualização analisado



Fonte: a autora.

Após contextualizar a ação linguageira realizada no processo de retextualização da dissertação para o RotDC, a partir das variáveis situacionais propostas por Marcuschi (2010), passamos a analisar algumas operações realizadas nesse processo, inspiradas nas operações textuais-discursivas apresentadas por Marcuschi (2010).

Como, no nosso caso, a retextualização é de uma escrita formal para uma escrita a ser oralizada, de forma geral, o trajeto da nossa retextualização é, normalmente, inverso à de Marcuschi (2010). A primeira categoria do autor diz respeito à eliminação de marcas interacionais. No nosso caso, é justamente o contrário: passamos de um discurso teórico (Bronckart, 2003), marcado pela ausência de dêiticos pessoais e espaço-temporais, para um discurso interativo (Bronckart, 2003), que busca recursos linguístico-discursivos para manter uma proximidade com o destinatário, implicando tanto o agente-produtor como o agente-ouvinte na textualidade. O quadro a seguir mostra alguns exemplos dessa retextualização discursiva.

Quadro 1 – Passagem do discurso teórico para o interativo

Dissertação: discurso teórico	RotDC: discurso interativo
“Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo identificar a necessidade da utilização do internetês [...]” (p. 17).	Olá, abelhinhas! Bem-vindos de volta à Colmeia Linguística, como estão depois de alguns meses sem uma postagem? [...] Eu

“<u>Esta pesquisa</u> tem como aporte a Sociolinguística Variacionista, que tem como precursor o linguista <u>William Labov [1972] (2008)</u>, visto <u>que</u> é possível considerar o internetês uma variação linguística” (p.17). “Assim <u>espera-se</u> que essa pesquisa traga contribuições relevantes [...]” (p.17).	me chamo <u>Ágata Silva</u>, sou aluna de Letras [...] <u>Faço</u> Iniciação Científica em Linguística Aplicada, e assim como a Bruna, <u>vou falar com vocês um pouco sobre linguística</u>, mas de uma maneira bem acessível! [...] E já começo o episódio de <u>hoje</u> lançando algumas perguntas. [...] <u>Você</u> usaria um terno ou um vestido longo para ir à <u>praia</u>? Ou um biquíni para ir ao trabalho?
--	---

Fonte: a autora.

O RotDC produzido consegue transformar, assim, um conteúdo denso, com várias terminologias técnicas, de forma simplificada e ainda com exemplos que permitem ao ouvinte do *podcast* compreender melhor os conceitos abordados por Oliveira (2023). O trecho a seguir mostra o processo de didatização e, consequentemente, simplificação linguística, com a eliminação de termos técnicos/teóricos, para falar sobre a Sociolinguística Variacionista, corrente teórica que fundamenta a pesquisa de Oliveira (2023):

Vou trazer uma curiosidade para vocês: a área que estuda o internetês e outras variações linguísticas é a Sociolinguística variacionista. Calma, não precisa assustar que vou explicar por partes. Vamos começar com a palavra sociolinguística, a primeira parte “socio” vem de sociedade, a “linguística” refere-se ao estudo científico da linguagem, incluindo sua estrutura, uso, desenvolvimento e variações. O “variacionista” estuda todas essas variações da língua. Então se juntarmos essas duas palavras temos a “sociolinguística variacionista” que estuda a língua de acordo com o contexto situacional, essa abordagem analisa como fatores sociais, como classe social, idade, gênero, etnia e contexto geográfico, influenciam a maneira como as pessoas falam (RotDC).

Outra operação de retextualização identificada foi a inserção de exemplos do cotidiano, indo além do “informado” pelo texto-base, como mostra o trecho a seguir do RotDC:

Mas não se engane pensando que usamos o internetês toda vez que utilizamos a internet. Se vamos mandar um e-mail para alguém do ambiente de trabalho ou reclamar formalmente [...] pelo contexto mais formal, temos que seguir a norma padrão da escrita [...]. Isso é importante: sempre precisamos moldar a nossa fala e escrita de acordo com a situação de comunicação (RotDC).

O objetivo da análise não foi esgotar todas as estratégias e operações realizadas no processo de retextualização da Dissertação de Oliveira (2023) para o RotDC “O Internetês e seu impacto na escrita do aluno”, mas discutir algumas mais evidentes nesse processo.

CONCLUSÃO

Este trabalho partiu de uma problemática voltada à falta de acesso que a sociedade tem das pesquisas produzidas pela academia. Sendo assim, propusemo-nos a elaborar um episódio de *podcast* de DC, para o canal Colmeia Linguística do LILA. Para tanto, foi necessário, antes, produzir o RotDC, ou seja, um roteiro escrito do episódio para ser oralizado. Como texto-base o RotDC buscamos uma pesquisa que tivesse sido desenvolvida na área de Linguística Aplicada, produzida nos últimos três anos, cujo tema fosse de interesse do público não

especializado e de relevância para a sociedade nos dias de hoje. Dessa forma, selecionamos a Dissertação de Mestrado de Oliveira (2023), cujo objetivo, de forma geral, é definir o internetês como uma variedade linguística e analisar sua influência na escrita de alunos da educação Básica.

A partir da nossa análise, verificamos que os processos de retextualização envolvidos na passagem da Dissertação de Oliveira (2023) para o RotDC são específicos desse contexto enunciativo: transformação de um texto escrito formal, com teor acadêmico-científico, para um texto escrito para ser oralizado, com registro informal e teor didático (DC). Evidentemente, os processos analisados não dão conta das inúmeras operações e estratégias linguístico-textual-discursivas realizadas para a retextualização. O objetivo foi destacar algumas mais evidentes que dessem conta de compreender a complexidade dessa ação linguageira.

REFERÊNCIAS

- BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução de Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.
- CRISTOVÃO, V.L. L.; VIGNOLI, J. C. S. Ações de Didatização de Gêneros em prol de Letramentos Acadêmicos: práticas e demandas. **Horizontes**, v. 38, n.1, p. 1-18, 2020.
- FLICK, U.. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2014.
- MARCUSCHI, L. A.. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MATENCIO, M. L. M. Atividade de (Re) textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2002.
- OLIVEIRA, S. F. S. de. **Influência da escrita digital em textos de alunos do ensino médio: o internetês em foco**. Dissertação (Mestrado em Letras). Campo Grande, MS: UEMS, 2023.
- PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.
- ROJO, R. O letramento escolar e os textos da divulgação científica: a apropriação dos gêneros de discurso na escola. **Linguagem em (dis)curso**, v. 8, n. 3, 2008, p. 81-612.